

Banco do Brasil convida para abertura da exposição

# miragens

arte contemporânea no mundo islâmico

## O Islã na arte contemporânea

Obras de 19 artistas refletem sobre a cultura muçulmana em 'Miragens', que abre hoje no CCBB

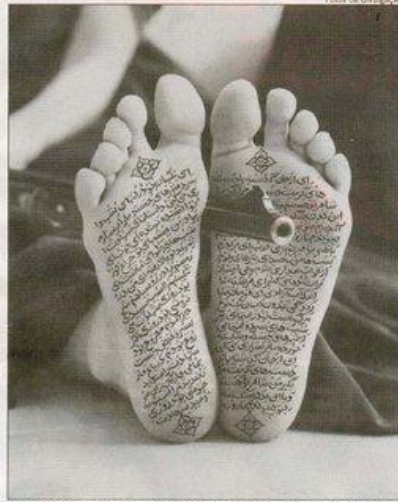
Suzana Velasco

**MAKING OF** Na semana passada, enquanto museólogos do Irã e da Síria se despediam do Rio de Janeiro, após a inauguração da exposição "Islã", o Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) recebia caixas de obras de arte contemporâneas, vindas de coleções de renome, como a Saatchi Gallery, em Londres, e a Gladstone Gallery, em Nova York. Elas também abrigavam o universo islâmico, mas sob um olhar crítico, não só às tradições muçulmanas, mas também às representações estereotipadas que o Ocidente re-produz sobre o Islã.

Na exposição "Miragens", que o CCBB inaugura hoje, às 19h, com curadoria de Ania Rodriguez, a cultura islâmica perpassa 58 obras de 19 artistas, muitos deles reconhecidos internacionalmente, pertencentes ao *mainstream* das artes visuais, como a iraniana Shirin Neshat e o turco Halil Altındere. Nem por isso eles deixam de ter uma visão crítica, às vezes debochada e direta, noutras vezes mais poética.

— Hoje, a elasticidade dos conceitos geográficos e culturais torna difícil encontrar um fio condutor entre esses artistas. Nessa seleção, acabaram aparecendo duas linhas. Uma é mais política, com artistas que dialogam com a realidade social da guerra, da violência. Na outra, há um diálogo com as referências culturais do Islã, como a caligrafia. Mas muitas das obras têm esses dois aspectos — afirma Ania.

Idealizador de "Islã", Rodolfo Athayde acompanhou Ania na procura por esses artistas, que começou com um contato com a Saatchi, que cedeu gra-



"WOMEN OF ALLAH", série de Shirin Neshat: corpo feminino, caligrafia e arma

tuitamente as obras da iraniana Shadi Ghadirian e de Shezad Dawood, de origem paquistanesa, mas nascido em Londres. A galeria ainda podia oferecer mais obras, mas os dois sentiram a necessidade de sair diretamente à procura de artistas. Athayde diz que não havia o objetivo de encontrar obras de forte cunho político, mas ele acabou se fazendo inevitavelmente presente.

— Muitos artistas são muçulmanos, não é uma proposta antirreligiosa. Mas a atmosfera do

conflito está viva em muitas obras, que são questionadoras — afirma ele. — Há um contraponto à exposição "Islã", mas não como uma oposição, e sim no sentido da música, em que uma harmonia é formada por diferentes elementos.

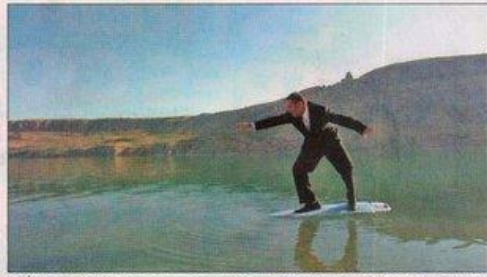
Alguns trabalhos são inéditos no mundo todo, como o vídeo "Oracle", de Altındere, que esteve na Documenta de Kassel de 2007 e vem para a abertura da exposição. "Oracle" é o terceiro vídeo da "Mesopotamian trilogy", que conta ainda

com "Dengbejs" e "Miracle". Outras obras foram feitas especialmente para a exposição, como as peças em gaze da palestina Malheh Alnan e uma escultura do marroquino Mounir Fatmi, uma lâmina serrada com caligrafia em relevo.

O lugar da mulher no mundo islâmico é tema de fotografias de duas importantes artistas. Na série "Women of Allah", Shirin Neshat fotografa partes do corpo feminino, tomadas por inscrições caligráficas e misturadas a armas. Na série Ghajar,

de Shadi Ghadirian, que ainda vive em Teerã, objetos como aparelhos de som e telefone causam estranheza em imagens de mulheres de véu, em sépia, como se fossem do século XIX.

As obras mais irônicas são as do artista turco Sener Ozmen. Dele, "Miragens" expõe o vídeo "Road to Tate Modern" ("Estrada para a Tate Modern") e "Supermuslim", série de 12 fotos em que o Super-Homem tem, como diz Athayde, uma "crise de consciência", tirando sua capa e usando-a co-



O vídeo inédito "Oracle", do turco Halil Altındere: terceira parte da "Mesopotamian trilogy"



"SUPERMUSLIM", do turco Sener Ozmen: deboche com as diferenças culturais

mo tapete de oração. São exemplos claros de um confronto entre referências islâmicas e ocidentais.

— O mundo oriental, do Islã, é hoje mediado por uma construção ocidental, um imaginário repleto por questões como o terrorismo — diz Ania. — Mas não adianta demonizar o Ocidente como o Satã do Islã — completa Athayde.

A presença brasileira fica por conta de Lúcia Koch, com fotografias de cestas de plástico que parecem janelas otomanas, num enfoque poético que contrasta com as obras mais combativas. Para Ania, alguns trabalhos ultrapassam a referência ao Islã, como a máquina de escrever em que as teclas são balas de revólver, do argelino Kamel Yakhiaoui, e a roupa com armas e flores bordadas, da iraniana Bitá Ghezelayagh.

— Muitas obras são um instrumento de ação, ultrapassam o terreno artístico, sem deixarem de ser esteticamente interessantes — diz Ania. ■



**Música**  
O show de Bebel Gilberto na American Songbook, em NY  
Pág. D5

**Entrevista**  
Paulo Sergio Pinheiro fala sobre a Comissão da Verdade  
Pág. D2

**Literatura**  
Um novo Saviano  
Pág. D8



# Caderno 2

estadio.com.br

FOTOS: INSTITUTO TOMIE OHTAKE

## Camilla Molina

Há uma semana, no Cairo, o artista egípcio Khaled Hafez, perto de seu amigo, o também artista Ahmed Basouiny. Ele morreu sufocado pelas bombas de gás lacrimogêneo, no auge da repressão às manifestações populares pela renúncia do presidente Hosni Mubarak, no poder no Egito desde 1981. Basouiny, de 32 anos, era professor de pintura e videocrê na Universidade de Helwan e está entre os mais de 300 mortos da atual crise política egípcia, pelo fim do regime de Mubarak, considerado ditatorial.

"Uma jovem geração, que usa o Facebook, foi às ruas", diz Khaled Hafez ao *Estado*, por telefone. Nascido em 1963, ele se manifesta com os "novos", como diz, otimista quanto ao "futuro democrático" em seu país. Por isso, nesse momento, o artista não teve como sair do Cairo para vir ao Brasil, já que integra a exposição *Miragens - Arte Contemporânea no Mundo Islâmico*, que será inaugurada na quarta-feira no Instituto Tomie Ohtake. As pinturas e vídeos de Hafez tratam da questão da identidade egípcia, combinando o embate entre antiguidade e contemporaneidade, tradição e consumo. "Não é de religião que se trata a lina atual no Egito, mas de política", continua ele.



### EGÍPCIO HAFEZ NÃO QUIS VIR POR CAUSA DOS CONFRONTOS EM SEU PAÍS

"Existente uma pertinência nas obras de Hafez, que falam de insatisfações ao contexto social e político", diz Ania Rodriguez, curadora da mostra, já apresentada no Rio e que depois irá a Brasília, e idealizada por Rodolfo Athayde. *Miragens* reúne 58 obras de 19 artistas (Lucia Koch é a única brasileira), alguns deles, muito conhecidos no circuito europeu e americano. Outros são apresentados como novos no cenário artístico, o que ainda aguçava a curiosidade pela atual produção de artistas com raízes no eixo norte da África-Oriente Médio. De qualquer forma, a curadora reforça o intuito de se "desfazer uma imagem preconcebida", construída e estereotipada que se tem do mundo islâmico. "A mostra é uma miragem para se entender mais a realidade e dilemas através das obras desses artistas."

**Conflitos.** A iraniana Shirin Neshat, que vive nos EUA desde a década de 1970, é, por exemplo, um dos grandes destaques do circuito internacional. Em 2002, ela teve sua produção apresentada de forma ampla no Brasil,

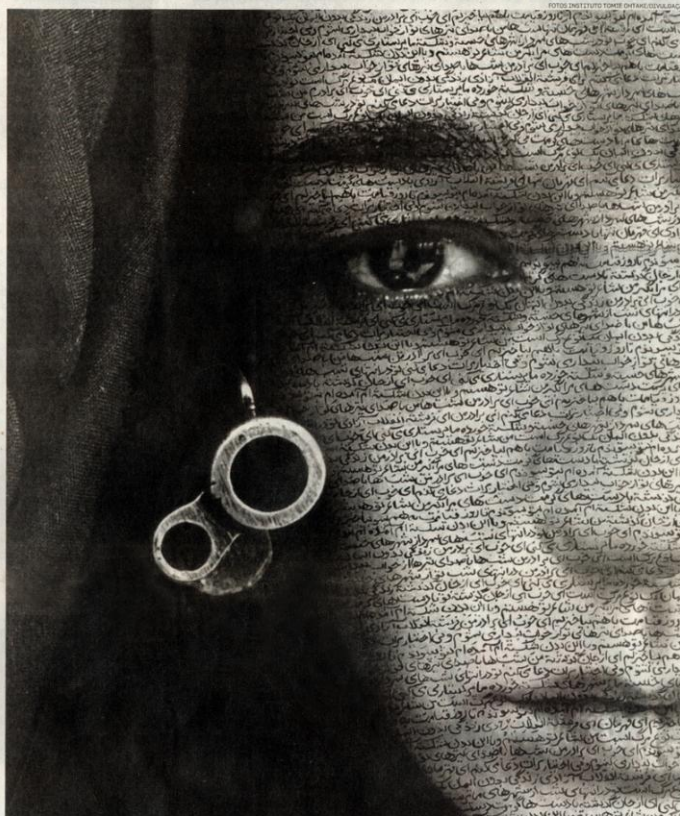
## MIRAGENS Instituto Tomie Ohtake. Av. Faria Lima, 201, 2245-1900. 11 h / 20 h (fecha 2ª). Grátis. Até 3/4. Abertura 4ª, para convidados.

com uma mostra individual no Rio e com uma bela participação na 25ª Bienal de São Paulo. Agora, em *Miragens*, Shirin Neshat comparece com fotografias dos anos 1990 nas quais fala da condição da mulher muçulmana. São retratos em que a figura feminina é representada por fragmentados (só um pedaço de seu rosto ou por sua mão) e esses detalhes de seus corpos têm a pele desenhada com a tradicional caligrafia persa. Elas convivem com armas, estão em silêncio.

Outra iraniana conhecida, Shadi Ghadrian, está representada por obras da série fotográfica *Ghajar*. Referindo-se à estética do retrato posado do século 19 (em sépia), a artista fotografou muçulmanas com objetos banais do cotidiano. "O gênero é colocado como anacrônico e na imagem os elementos têm de conviver", descreve Ania Rodriguez. Basicamente, os conflitos colocados nos trabalhos se referem a uma "preocupação latente de necessidade de diálogo, urgência da vida contemporânea", continua a curadora.

### Verbo e párdia. Além de um segmento dedicado a vídeos, em que se pode destacar

as criações do artista turco Halil Altindere, participante, em 2007, da 12ª Documenta de Kassel, a palavra (referida na maioria das vezes pela caligrafia) é um contraste na mostra. O marroquino Mounir Fatmi critica a peça *Entre Linhas* (2010), em que um grande disco de corte tem esculpidas partes de capitulos do Alcorão que trata da pureza. "Existe um contraste entre asperza do instrumento e sutileza da palavra", afirma Ania. Já a máquina de escrever do argelino Kamel Yahioui tem balas de revólveres formando o seu teclado. O anglo-paquistanês Sheraz Durrwood, ainda, exhibe obras em que o nome de Alá está escrito em néon. Há a paródia também, que requer "a nossa cumplicidade, um sorriso", diz Ania. Supermuçulmano, do turco Sener Ozmen, um dos "desconhecidos" citados pela curadora, é uma série de fotos de 2003 de um Super-Homem que tira sua capa vermelha e a coloca no chão para fazer suas preces.



Silêncio. Sem Voz (1996), obra da artista iraniana Shirin Neshat: sobre o universo de violência que envolve a mulher muçulmana

# MIRAGENS ISLÂMICAS

Artistas contemporâneos do eixo do norte da África e Oriente exibem seus dilemas e realidades em **mostra** que percorre o Brasil

## OS DESTAQUES



**Retrato.** Uma das fotografias de série da iraniana Shadi Ghadrian: em *Ghajar*, ela coloca a relação anacrônica entre a tradição e a banalidade do cotidiano



**Trilogia Mesopotâmica.** Cena do vídeo *Miragem*, do turco Halil Altindere, que participou da 12ª Documenta de Kassel

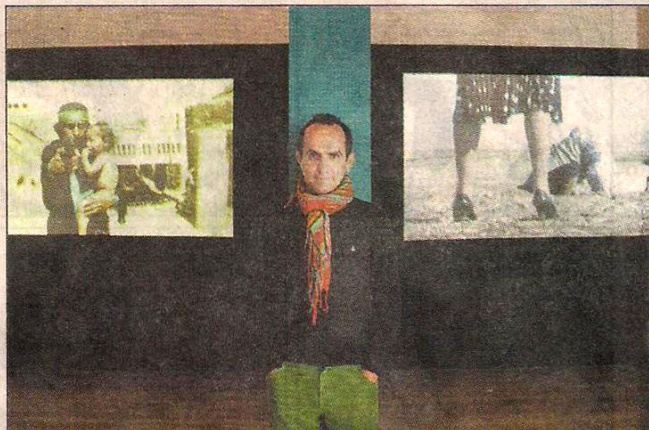


**Supermuçulmano.** Humor no trabalho do turco Sener Ozmen



**Entre Linhas.** Contrastes na escultura de Mounir Fatmi





## ‘Quem mexe com tabus precisa se manter forte’

O turco Halil Altindere, que expõe no CCBB, cria obras ironizando a polícia e o mercado de arte

Suzana Velasco

O artista plástico turco Halil Altindere queria repetir no Rio uma performance que fez em Istambul: simular o roubo de uma tela com o retrato de um herói nacional e ser levado preso (de mentira) por policiais (de verdade). Mas ele não encontrou no Brasil nenhuma figura reverenciada como Mehmet II, que expandiu o Império Turco no século XV. Para a mostra “Miragens”, em cartaz no CCBB, ele trouxe os três vídeos da “Trilogia da Mesopotâmia”, em que o caráter diretamente político de sua obra dá lugar a um comentário mais sutil sobre o mundo islâmico. Os filmes unem tradição e modernidade com associações de belas imagens, sem maniqueísmo.

— Penso de forma fotográfica, e não em narrativas. Depois de ter as imagens na cabeça, eu filmo — conta o artista, no Rio.

Os vídeos também são políticos para Altindere, que continua fazendo obras mais agressivas. No ano passado, ele passou seis meses negociando um carro da polícia em

Berlim, com o apoio da Academia das Artes. Ele poderia criar um, mas queria o verdadeiro. Depois de uma pilha de e-mails, Altindere pôs o carro em frente ao museu, virado e com a lanterna ligada, e o chamou de “Monumento à democracia direta”. Há pouco tempo, fez a cópia de um retrato de um famoso *marchand*, uma tela que vale US\$ 2 milhões, e filmou sua destruição:

— Quero que o vídeo estreie em novembro na feira de arte de Istambul, que estará cheia de *marchands* — diz ele, que participou da Bienal de São Paulo de 1998 e da Documenta de Kassel de 2007.

### Prisão e processo em Istambul

Em Istambul, onde mora, Altindere já foi preso (de verdade) e processado, e constantemente recebe cartas com ofensas por seu trabalho. Mesmo assim, ele não pensa em sair de lá.

— Istambul é caótica. Quando passei uma temporada na França, não criei nada — diz ele, inventor da revista independente “art-ist” e curador de exposições com artistas alternativos. — Quem mexe com tabus precisa se manter forte. ■

# SEGUNDO CADERNO

O GLOBO